

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: LETICIA WEIDUSCHADT

TÍTULO: RESQUÍCIOS DO OFÍCIO DO ARTISTA VISUAL: ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO

AUTORES: LETICIA WEIDUSCHADT, LETICIA WEIDUSCHADT

PALAVRA CHAVE: PROCESSO CRIATIVO, ARTESANIA, DIREÇÃO ARTÍSTICA E COLETIVO

RESUMO

O processo de criação é uma trama sem início datado, vivenciado entre o sujeito artista e sua obra, é constituído por uma sequência de gestos de escolha, abandono, confronto com materialidades e com certa constelação de experiências e experimentações. Transitando pelo processo de criação nota-se que a maneira como o artista produz influenciam suas obras e esses gestos repercutem em marcas que reverberam no objeto artístico. Para percorrer os modos de produção do trabalho artístico, analisaremos dois deles: artesanaria e direção artística.

A artesanaria é um conceito que proponho a partir da noção de artífice do sociólogo Richard Sennet, que considera a união entre o fazer e a reflexão sobre esta prática. No resgate da distinção de Hannah Arendt de *Animal laborans* e *Homo faber*, Sennet determina os prejuízos de uma separação entre a mão e o pensamento e apresenta sua definição de artífice como alguém ligado a um determinado fazer com hábito prolongado. Há uma relação direta entre a habilidade manual e o desejo, cujo modo de lidar com o trabalho estaria atravessado pela experiência reflexiva do ofício. Por outro lado, Nicholas Bourriaud problematiza o lugar e o estatuto do artista na atualidade. Para o autor, o atelier deixou de ser o lugar central da produção artística e o artista passou a ser um intruso em outros campos, migrando da criação para percorrer sobre estruturas existentes. O artista-diretor é aquele que coordena e terceiriza a outros profissionais parcialmente ou completamente seu processo criativo.

Essas duas vertentes serão utilizadas para investigar como os artistas Olafur Eliasson (Dinamarca), Rivane Neuenschwander (Brasil) e o Coletivo Opapivará (Brasil) lidam com a construção de alguns trabalhos e de como suas escolhas artísticas reverberaram em suas obras.

Atenta-se que os trabalhos de Olafur Eliasson são agenciados por equipes especializadas que cedem sua autoria ao nome do artista. O estúdio do artista dinamarquês, localizado numa antiga cervejaria de Berlim, conta com mais de 80 profissionais, dentre historiadores, antropólogos, geólogos, engenheiros, designers, entre outros. A maioria de seus trabalhos são instalações que recriam artificialmente fenômenos naturais e suas sensações como chuva, névoa, sol, vento, cachoeiras. Esta experimentação permeia a construção de suas obras, mas também é trazida nas refeições realizadas no atelier. Para a equipe, não há uma separação entre as investigações conceituais e seus rituais cotidianos, por isso, o ato de cozinhar e as pesquisas dentro da cozinha de seu atelier são desenvolvidas com o intuito de criar uma dinâmica instigante e poética. Estes deslocamentos estéticos e sensoriais que são redimensionados na cozinha do estúdio são também provocações que o artista pretende proporcionar no corpo do espectador, perfazendo, de certa forma, a sensação de uma nova experiência.

A materialidade, por sua vez, é um eixo estruturador nos trabalhos de Rivane Neuenschwander. A artista mineira, que nasceu em 1967, trabalha com desenhos, pinturas, instalações, vídeos e fotografias, utilizando materiais e elementos triviais que perduram à desintegração diária. A manufatura de seu trabalho não é usual e a artista constrói seus processos como se estivesse num jogo, no qual cria suas próprias regras e segue confabulando esteticamente seu trabalho. Rivane tece uma trama com o cotidiano e nos apresenta algo aparentemente ausente. Atravessa sua intimidade, nos arremessa a momentos delicados, sutis, e cria situações de experiências estéticas inesperadas. Suas criações são contaminadas pela artesanaria e pela direção artística, muitas vezes, dentro de um único trabalho artístico.

Por fim, o coletivo Opapivará também possibilita a mescla do fazer a partir das diferentes identidades e habilidades dos participantes do coletivo carioca. Evidenciando os espaços de galerias, instituições culturais e das cidades o coletivo provoca questionamentos acerca do espaço urbano propondo experiências coletivas a seu público. Seus processos criativos atravessam uma autoria múltipla para constituir uma única identidade de construção de poética e da obra em si. Coletivos tais que surgem como uma resposta aos modos de trabalho da arte contemporânea.

Considerando a experimentação artística destes artistas, o ato criador passou a se modificar, sendo constituído por um fenômeno de transmutação, pela transformação da matéria inerte numa obra de arte. Para Duchamp, a criação não seria executada pelo artista sozinho, mas o público estabeleceria um contato entre a obra e o mundo, assim, acrescentaria contribuições a este ato criador. Na arte contemporânea, as escolhas determinantes para a obra partem da maneira como se organiza o circuito artístico ao qual o artista pertence ou quer pertencer. O mercado de arte há muito tempo vem ditando regras sobre a produção artística - em grande parte dos casos - devido a urgência de resultados como as demandas impostas para exposições e vendas. Essas cisões criam marcas na sobrevivências das imagens e das obras e, por isso: o artista contemporâneo teria se tornado um criador de ideias?

Atualmente estar no mercado artístico ou vincular-se com uma demanda de grande produtividade vem sistematicamente ditando o modo como os artistas estão produzindo. Considerando o campo da sociologia e da antropologia, não é possível falar de uma autonomia autoral do artista porque ele estaria envolvido em uma prática colaborativa, coletiva, institucionalizada, produtiva. Provocados por esta mescla nas formas de trabalho, a arte contemporânea tem reverberado na ativação de equipes de trabalho e no questionamento de até quando a veladura imposta pelos interesses do circuito artístico sobre os processos contemporâneos vai continuar.